O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

ANO 38.º — N.º 1898

Sábado, 16 de Junho de 1945

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Crónica alfacinha

Luís de Camões

Faltaria a um dos meus mais sagrados deveres de portuguesa se não relembrasse, com saudade e respeito, o glorioso dia 10 de Junho.

Não há um monumento de pedra ou bronze, por mais magestoso que êle seja, que possa igualar-se à obra dos *Lusíadas*. Um livro, não muito volumoso, contem a imortalidade duma raça porque narra, duma maneira clara e precisa, a história de Portugal, as conquistas e aventuras dum povo que soube desvendar os segredos do mar revolto e arremessar, para longe, as lendas negras que o pejavam.

Nem os rendilhados artísticos das pedras de Aljubarrota, nem os mistério, da construção da velha Sé de Bragas tampouco a elegância da branca Tôrre de Belém conseguem equiparar-se à beleza e harmonia duma só estrofe do poeta. E' que o Poema Lusitano foi escrito com tôda a fé, amor e esperança dum grande génio, e mais ainda dum grande portugues, embora cheio de tristizas, mas também pleno de resignação.

Quantas vezes Camões não teria chorado sobre o seu precioso livro!

Quantas outras não sentiria as garras da dor cravarem-se-lhe na alma ao cantar as glórias duma pátria que tanto mal lhe fez!

Mas quem foi êste poeta que não teve igual? Donde veio e porque sofreu?

Durante muito tempo se ignorou onde nascera. Lisboa, Coimbra, Alenquer e Santarém queriam a honra de terem sido seu berço. Parece, porém, que nasceu em Lisboa, embora a data de 1524 seja ainda duvidosa.

Era fidalgo e, como tal, de muito novo começou a freqüentar a côrte, nesse tempo de D. João III.

O verso, que lhe saía expontâneo dos lábios e não admitia emenda; a sua figura garbosa e maneiras cavalheirescas; ainda a elegância da sua palavra fizeram-no ser querido das damas e, naturalmente, invejado pelos homens.

E' possivel que fosse, portanto, leviano, tanto assim que despresou Leonor, mãe de sua filha, pouco depois do nascimento desta, para se entregar a novas conquistas.

Diz-se que aceitou verdadeiras afeições, fez sofrer, e até morrer de desgosto e paixão, mulheres de tôdas as classes sociais, com o seu abandono. Se isto é verdade, teve o castigo. Uma louca paixão foi a causa de tôda a sua amargura, amor êste que lhe fez perder a simpatia de outros fidalgos, a amizade do Paço, o aconchego da Pátria e que lhe esfarrapou, por tôda a vida, o tenue veu da ilusão e alegria.

Catarina de Ataíde, de anagrama Natércia, seria, de facto, a dama da raínha que o poeta tão cegamente amou, ou essa figura serviu, apenas para encobrir o nome da própria raínha D. Maria, que parece ter amado Camões?

Muito se tem discutido êste assunto e ficará, talvez, para sempre duvidoso.

O que é certo é o poeta ter sido afastado da côrte. Começou, então, o seu martírio.

Em Ceuta perde um olho em combate contra os Mouros e quando regressa a Lisboa, cheio de saudades e amor, é preso por um ano, por haver ferido um servidor d'El-Rei.

Talvez a nostalgia tivesse contribuido para o esboço, ainda na prisão, do 1.º canto dos *Lusíadas*, segundo afirmam alguns historiadores do seu tempo.

Em 1553 embarca para Gôa e daqui segue a Macau com o cargo de *Provedor-Mor de Defuntos e Ausentes*.

Numa gruta fria, mas florida, ouvindo o mar e olhando desafogado a natureza, confiando plenamente na dedicação do escravo Jau, compôs mais seis cantos do poema.

Em Gôa é vitima de calunias e novamente preso.

Quando recupera a liberdade esta doente e sem emprêgo, portanto paupérrimo.

Voltando a Lisboa acaba e publica a sua obra. Em compensação o rei dá-lhe uma tença de quinze mil reis, o que não sendo uma fortuna, também não era, para aquele tempo, a miséria que muita gente supõe, embora corra a lenda que Jau mendigava de noite para que o amo comesse no dia seguinte.

Os *Lusíadas* deviam ser começados a ler na escola primária, para que nenhum português desconhecesse tão grande epopeia.

Mas Camões não escreveu, apenas, esta obra prima. Foi o maior lírico do seu tempo e um excelente dramaturgo.

Os seus sonetos, sátiras, elegias, etc, têm sido traduzidas em várias línguas.

Em 10 de Junho relembra-se o dia de Camões.

Que feliz tempo em que a praça, com êste nome, era um mar de ondas negras formadas pelas capas dos estudantes que, entre discursos, depunham ramos de flores na estátua do imortal poeta!

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

"O Democrata"

Êste jornal continuará a saír com duas páginas porque o comércio e as indústrias de Aveiro, remetendo-se ao silêncio, não correspondendo ao nosso apêlo, assim o determinam.

Sem publicidade é impossível viverem os jornais, porque só a assinatura não chega para pagar as despezas. Já o dissemos, tem-no dito outros colegas e voltamos a repeti-lo, agora alicerçados com mais esta opinião dum velho jornalista, que passamos a transcrever:

Nós somos um país muito engraçado em quási tôdas as nossas manifestações de trabalho produtivo. Tudo o que fazemos é *por favor*. Vejamos, por exemplo, um dos nossos sectores da vida comercial e industrial—o da publicidade. Se bem que hoje a publicidade seja já muito diferente do que era há meio século, a verdade é que ainda hoje a nossa publicidade se estriba no *favor*, na publicação gratuita, nas boas graças dos comprades e afilhados. Os nossos jornais vêm cheios de anuncios gratuitos, encapotados sob o aspecto de notícias e reportagens que lá fora se pagam e em Portugal se fazem de graça. E todos nós temos, neste capítulo, culpas no cartório, porque todos nós temos compadres e temos afilhados. Parece à primeira vista que êstes *favôres* são inofensivos, e no entanto é por causa dêles que tôda a nossa vida comparticipa desta miséria doirada em que se vive. Vício de origem que tão cêdo não tem entre nós remédio possivel. Se tudo o que se publica nos jornais com carácter publicitário fôsse devidamente pago, como se paga qualquer mercadoria, outra seria a vida dos jornais, o desafôgo dos que os fazem e daquêles que nêles trabalham.

Posta a questão neste pé, esperemos, portanto, melhores dias como, tem acontecido noutras ocasiões de agudas crises.

E' a única solução.

O calor

Veio êste ano cêdo, pelo que, em algumas terras, a fruta amadurece a eito.

E há tanta, principalmente ameixas...

E' um regalo vê-la.

Arvores, então, existem, que estão mesmo a pedir *penhora*...

Para aliviarem...

"VIANA DE LÉS A LÉS"

Devido ao falecimento dum cunhado do autor desta revista, o nosso presado amigo Severino Costa, não se realizou, em Viana do Castelo, a récita anunciada para a ultima segunda-feira e que devia constituir uma justa consagração dos méritos de quem a escreveu. O Grupo Dramático Campos Monteiro, composto de valiosos elementos, que a mantem em cêna, com aplauso geral do publico, desde o inverno, tinha o desejo de imprimir à 15.ª representação maior brilho, como é costume em circunstâncias identicas. Foi contrariado, porém, nos seus projectos, o que, se determinou aborrecimento, não deve ser motivo de desanimo. E' marcar outro dia, mas ter sempre em vista que as contrariedades surgem, quando menos se espera...

* * *

Depois de composta esta notícia foi-nos comunicado que a récita se efectua hoje.

Lá estaremos a assistir. Manda quem pode...

Sopa dos Pobres

Pelo cofre de Assistência do Govêrno Civil do distrito vai ser entregue à *Sopa dos Pobres* a quantia de seis mil escudos, ou seja metade da importância com que aquele Cofre contribui, no presente ano, para tão sinpática iniciativa.

Louvores são merecidos ao sr. dr. Cirne de Castro.

Também com destino à mesma Sopa foram enviados pela viúva de António da Cruz Bento, dois sacos de sal, outros dois pelo sr. José de Finho Nascimento e um pelo sr. Domingos Ferreira Patacão.

Prémio escolar

Um juri, presidido pelo sr. Reitor do Liceu, atribuiu, por unanimidade, ao aluno do 6.º ano do mesmo estabelecimento de ensino, António de Carvalho Simão, filho do professor primário, sr. José Duarte Simão, a quantia de 300$00 da Comissão Municipal de Turismo por ter sido quem melhor descreveu a vida de José Estêvão, segundo o programa do concurso há mezes tornado publico.

Parabens.

Mocidade Portuguesa

Inaugura hoje o seu Pôsto Náutico com um passeio pela Ria e uma conferência na biblioteca do Liceu pelo sr. comandante José Soares de Oliveira, à qual presidirá o sr. Governador Civil.

Amanhã terá lugar, pelas 11 horas, a inauguração oficial do Pôsto, cuja séde será benzida pelo sr. Arcebispo-Bispo da diocese, a que se segue uma homenagem ao nosso glorioso José Rabumba (o *Aveiro*) director dos Serviços de Instrução Náutica e patrono do Centro de Vela, que, pelas 15 horas, realizará provas para disputa de duas taças.

A população de Aveiro, tão entusiasta pelos desportos náuticos, é convidada a assistir.

Pelo Teatro

Os «Comediantes de Lisboa» representaram, na segunda e terça-feira, as suas duas anunciadas peças. Da *Lady Kitty* não gostámos e parece que o mesmo sucedeu ao restante público. Da *Miss Ba*, sim, é uma grande peça e o desempenho foi magistral. Maria Lalande tem nela o principal papel, que desenvolveu com arte, com sentimento, à altura do seu nome. O mesmo se pode dizer de João Vilaret, não desmanchando, os restantes, o conjunto. Casa cheia. Aplausos calorosos, prolongados. No fim, Vilaret recitou um poema, a pedido. E assim fechou, com chave de ouro, o espectaculo de tanto agrado para os apreciadores do teatro declamado.

* * *

Consta-nos que João Vilaret prometeu aos srs. drs. António e David Cristo, voltar, brevemente, a esta cidade para realizar um recital.

Esperamos que a oportunidade não seja desperdiçada.

AVEIRO EM VISEU

Porque nos sentimos desvanecidos e honrados sempre que vemos referências elogiosas à nossa terra e aos seus filhos, transcrevemos do *Diário de Coimbra* aquela *nota do dia* que Jorge Severo preenche desta maneira:

A récita de beneficência realizada em Viseu pelos operários das Fábricas Aleluia, de Aveiro, marcou como espectáculo de arte, constituindo, até, duas encantadoras lições.

A primeira lição deu-no-la o sr. cónego António Barreiros, quando apresentou o grupo cultural. A segunda, a gentil Maria Alice da Silva Sequeira, internada do Asilo da Infância Desvalida (aluna do 6.º ano) que foi eloqüente, apaixonada, convincente, por saber dizer e comover na sua suadação aos visitantes.

Sim senhor! Um ano de liceu bem aproveitado, por uma outrora orfã, que há-de ser uma grande mulher portuguesa!

O espectáculo principiou com algumas palavras do sr. cónego António Barreiros, que salientou o tríplice carácter da visita: recreio, instrução e beneficência.

Disse que não se vive só do pão. A cultura do espírito eleva as almas; e bem fez a Fábrica Aleluia, aperfeiçoando, educando e elevando o moral dos seus operários. O trabalho é fonte de riqueza e escola de aperfeiçoamento do espírito, assim como a Arte é factor de educação e de moral. E' pelo trabalho honesto que se conquista a liberdade e a honra.

O sr. cónego António Barreiros louvou o sr. Carlos Aleluia, espírito de grande iniciativa e empreendimento, de quem fez um rasgado elogio, como homem e como patrão, terminando por afirmar que o trabalho nunca pode ser considerado como um hino de guerra, mas, sim, como um hino de conquista, humano e cristão.

De seguida colocaram-se fitas nos estandartes dos orfeãos de Viseu e Aveiro.

Depois agradeceu o sr. João de Oliveira em nome dos operários visitantes, seguindo-se o sr. Carlos Aleluia que, em termos veementes, elogiou os seus operários, o grande desejo que sentem de aprender e de colaborar. Disse da modéstia dos componentes do grupo, terminando por afirmar que êste veio a Viseu, cujas tradições culturais conhece, como que, metendo-se na boca do lobo... Mas—concluiu—perdôem as faltas grandes e deixem passar as pequenas...

Em agradecimento do gesto amável da gerência das Fábricas Aleluia (oferecendo todo o produto da récita aos asilos de Viseu) falou a asilada Maria Alice da Silva Sequeira.

Cantou um verdadeiro hino à cidade de Aveiro, ali tão brilhantemente representada pelos operários da linda Veneza de Portugal. Falou do Asilo da Infância Desvalida de Viseu, da grandeza da alma da sua directora, a sr.ª D. Maria de Lourdes; do valor cristão da sua obra, e, por entre verdadeiros arrebatamentos de eloqüência, da mulher como mãe, apelou para os ricos para que protejam os asilos onde vivem, com confôrto, tantos que não têm a felicidade de possuir tão sagrado bem.

O Orfeão executou, a seguir, o seu programa, recebendo muitas palmas, e tendo sido bisada a canção *Aquela Môça*.

Depois, duas peças ligeiras, *O primeiro beijo*, de Júlio Dantas, e o *Tio Simplício*, de Almeida Garrett, em que todos os amadores se houveram à altura dos seus papeis, desempenhando-os com muito merecimento.

No final e durante muito tempo as palmas e os aplausos romperam como uma verdadeira tempestade, terminando assim uma festa enternecedora, de que todos guardam as melhores recordações.

Bem hajam os seus organizadores!

Falta de água

A Câmara pede a todos os municipes que restrinjam, o mais possivel, o consumo de água. Os poços que actualmente abastecem a cidade estão práticamente esgotados e nem há água suficiente para rega das ruas. Aconselha-se, pois, e redução do consumo de água, afim de evitar medidas coercivas.

Carta de Lisboa

A coordenação dos transportes

A maneira como a Assembleia Nacional tem vindo a discutir a proposta de lei do Govêrno sôbre a coordenação dos transportes, prova, mais uma vez e de maneira bem eloqüente, o que é e vale o espírito de colaboração do Parlamento do Estado Novo.

Ainda mesmo naqueles aspectos em que se mantem discordância com a doutrina perfilhada pelo Govêrno, a nossa Câmara política procura que em assunto de tanta monta, de tão magna importância, seja antes de tudo e acima de tudo, o interesse nacional a ser servido.

O resolver o problema dos transportes, num país como o nosso, é problema que demanda estudo, interêsse e cuidado. Tudo isso está fazendo a Assembleia Nacional de maneira superiormente elevada, mostrando insufismávelmente ao país o que é o seu desinteressado e sempre pronto espírito de colaboração com o Govêrno, colaboração que nunca é demais exaltar devidamente.

A viagem do Ministro das Colónias

O sr. dr. Marcelo Caetano, ilustre Ministro das Colónias, empreendeu mais uma viagem a algumas das nossas províncias ultramarinas.

Nas declarações que fez aos representantes da imprensa aquele membro do Govêrno afirmou que vai já tornando-se rotina as visitas dos ministros das Colónias ao nosso Império de Alem-Mar. Efectivamente foi o Estado Novo que implantou tão útil e patriótico costume. Até 1928, data em que o Ministro da Revolução Nacional, engenheiro Bacelar Bebiano visitou as nossas províncias ultramarinas, nunca nenhum ministro das Colónias tinha visitado o nosso Império. Depois do eng. Bacelar Bebiano estiveram também nas colónias, quando sobraçaram aquela pasta, os srs. drs. Armindo Monteiro e Francisco Vieira Machado. Graças às visitas ministeriais tem sido possível realizar uma obra da mais patriótica utilidade para as nossas colónias, aproximando o Império da Metrópole. Continuando essas viagens, o sr. dr. Marcelo Caetano não só prossegue a admirável política do Govêrno da Revolução que continua uma obra que é da maior e do mais vivo interêsse nacional.

CORDEIRO GOMES

Importante roubo

Na noite de quarta-feira os gatunos assaltaram a filial dos Grandes Armazens do Chiado, instalada num edifício da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, de onde levaram dinheiro e mercadoria, tudo avaliado em algumas dezenas de contos.

Os meliantes entraram pelo telhado das trazeiras do estabelecimento que dá para um braço da ria, tudo levando a crêr que a proeza fôsse praticada por *artistas* consumados.

A polícia investiga, a vêr se descobre os autores do assalto.

Dr. Mário Duarte

Acompanhado de sua esposa e filhos deve embarcar hoje em Lisboa para Havana, via Funchal e Benguela, onde foi colocado como consul de Portugal, o nosso ilustre conterrâneo e amigo, que em La Guardia, Trindade e ultimamente Berlim, tantas provas deu da sua competência no exercício das altas funções ali desempenhadas e tanto se elevou também pelos dotes de coração herdados dos seus progenitores, cuja memória se recorda com muita saudade, o maior respeito e ilimitada simpatia.

Feliz viagem desejamos aos que para tão longe partem a honrar o nome português. E porque Mário Duarte tem sempre na lembrança a sua querida—a nossa querida Aveiro—para êle vai um abraço de despedida cheio de ternura, afectuoso, incomensuravelmente grande.

Pelo Liceu

Neste estabelecimento de ensino realizou-se a sessão comemorativa da morte de Luís de Camões, a que assistiram várias entidades oficiais.

Falou sôbre *Camões, o poeta do mar*, o professor sr. dr. Gaspar da Costa, que no final do seu trabalho foi muito aplaudido e cumprimentado.

* * *

Foi nomeado vogal do júri dos Exames de Estado para o magistério secundário, a realizar em Coimbra, o professor sr. dr. Armando Coimbra, que há muito faz parte do corpo docente do Liceu José Estêvão.

Serviço de regas

O carro das regas não tem burrifado as ruas da cidade, que por isso estão constantemente envoltas em núvens de poeira. Até nós chegam reclamações, principalmente por parte do comércio que com isso sofre prejuizos.

Já a semana passada nos referimos a êste serviço camarário. Hoje insistimos, visto o acharmos de inteira necessidade, devido à pavimentação das nossas ruas ser ainda à antiga portuguesa.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

No próximo número: artigo do Dr. Alberto Souto

PRINCÍPIOS ETERNOS

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a srª. D. Zulmira de Brito T. Pinto, interessante filha da sr.ª D. Alice de Brito T. Pinto, residentes no Porto; no dia 18, a gentil Maria de Lourdes Maia dos Reis, filha do industrial sr. José dos Reis; o inocente José Manuel, filho do tenente de marinha sr. José Rodrigues dos Santos; o sr. capitão Alfredo de Brito, em serviço na Manutenção Militar de Lisboa, e a menina Cremilde Pereira Vaz Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5; em 20, o sr. dr. José Arnaldo Q. D. Ferreira, medico em Albergaria-a-Velha; em 21, o sr. João Luis de Rezende Junior, sub-chefe da P. S. P. do distrito, e em 22, as galantes Maria Helena Farto Ramos e Maria Adelaide Ramos, filhas, respectivamente, dos srs. Henrique Ramos, da Foto-Central, e Anibal Ramos, da Confeitaria Avenida, e o sr. Fernando Betencourt, 1.º sargento de Infantaria 10, actualmente em Moçambique.

—Também depois àmanhã completa um ano a inocente Zulmira da Conceição, filha do sr. Albano Ferreira, da nova firma comercial Albano & Garcia, L.da, desta cidade. Um ridente futuro.

Casamentos

Na capela do Paço Episcopal consorciou-se, no último sabado, com a sr.ª D. Rosa de Sousa, o sr. dr. José Cristo, advogado na comarca.

Foi celebrante o sr. D. João de Lima Vidal, arcebispo-bispo da diocese, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Cremilde de Sousa e o sr. Marino Moreira; e pelo noivo sua mãe D. Maria da Anunciação Cristo e o sr. Luis Vieira dos Santos.

Aos recem-casados desejamos as maiores venturas.

Partidas e Chegadas

No Lourenço Marques, que anteontem devia ter deixado a barra de Lisboa, seguiu para Angola, com sua esposa e filho, o esclarecido clinico, sr. dr. João da Rocha Machado, de Eixo.

Boa viagem e felicidades.

—Com sua mãe regressou ontem a Viana do Castelo, onde há anos exerce as funções de pagador das Obras Públicas, o nosso conterrâneo Orlando Peixinho.

—Encontra-se entre nós, em goso de licença, o sr. Manuel Soares de Sousa Machado, funcionário do Banco Pinto & Sotto Mayor, de Lisboa.

—Estiveram nesta cidade os srs. capitão Cosme de Lemos, de Alquerubim; José Robalo (filho), residente no Entroncamento; Armando de Almeida e Silva, da Granja, e Celestino Neto, aspirante de Finanças no Porto.

—Foi para Oliveira de Frades a esposa do sr. Emilio da Paula.

Vestido de Chita

E' de hoje a oito dias, 23 do corrente, que no Teatro Aveirense, em um intervalo do programa cinematográfico, se fará a apresentação e classificação dos modêlos de vestidos para apuramento daquele que, no corpo da sua dona, como representante desta cidade, irá tomar parte no Concurso Nacional do Vestido de Chita, interessantíssima organização que há trez anos vem realizando o *Jornal de Noticias*, do Porto.

E' grande o entusiasmo entre as nossas tricanas, que não deixarão nêste certame de evidenciar a sua habilidade e bom gôsto, únicos requesitos necessários para o êxito.

Haverá trez prémios: 1.º de 250$00, concedido pelo sr. Governador Civil; 2.º de 150$00, pela Comissão Municipal de Turismo e 3.º pelo Teatro Aveirense.

O júri de honra será presidido pelo chefe do distrito.

Aumento de Capital

da sociedade por cótas de responsabilidade limitada, com séde em Aveiro, denominada,

Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da

Por escritura de 24 de Abril de 1945, lavrada nas notas do notário desta cidade, dr. Adelino Simão da Fonseca Leal, foi aumentado para treze milhões de escudos o capital social da *Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da*, com séde em Aveiro, que era de dez milhões de escudos.

Aveiro, 2 de Maio de 1945

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Raúl Ferreira de Andrade

Secção Desportiva

Foot-ball

F. C. do Porto 5—Beira-Mar 0

Realizou-se, domingo, êste encontro, registando o Estádio Mário Duarte uma grande enchente.

O resultado—5-0—não é de modo nenhum exagerado. O *Beira-Mar* nunca se entregou, dando sempre réplica ao adversário, delineando, por vezes, interessantes esquemas de jogo. Teve várias oportunidades de marcar o que não conseguiu por mera infelicidade.

Aos visitantes foi dispensado carinhoso acolhimento por parte do *Beira-Mar* e também pelo *Club dos Galitos*, o que registamos com aprazimento.

NECROLOGIA

Em Coimbra, onde residia, finou-se, com 68 anos de idade, a sr.ª D. Maria Estrela Dias Coimbra, natural da Figueira da Foz.

Deixou alguns filhos, nomeadamente o sr. dr. Armando Coimbra, professor do nosso Liceu, a quem apresentamos condolências.

Ao comércio

Manuel Joaquim de Oliveira Sérgio comunica ao publico em geral e ao comércio em especial, que trespassou em Janeiro do ano corrente o seu estabelecimento, em Bustos.

Na mesma data e de sociedade com os seus filhos, abriu um armazém de lanifícios e chales, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.ºs 33 a 39, dedicando-se exclusivamente ao comércio por junto. O seu unico armazem gira sob a firma *Manuel J. O. Sérgio & Filhos.*

Igualmente comunica que não é sócio nem tem quaisquer interesses ligados na firma *Joaquim de Oliveira Sérgio, Filhos*, que propagandeia a sua casa com a designação de *Sergios* aposta na montra do seu estabelecimento, taboleta, fourgonete, etc.

Esta ultima comunicação faz-se tão sòmente para evitar confusões, pois trata-se de casas completamente diferentes e de diferentes proprietários.

a) *Manuel Joaquim d'Oliveira Sérgio*

Ajudante de guarda-livros

Oferece-se com prática de dactilografia, correspondência e outros serviços. Nesta Redacção se informa.

Sociedade Electro Aveirense, L.da

Por escritura de 8 do corrente, lavrada nas notas do notário desta cidade, dr. Inocêncio Fernandes Rangel, foi constituída uma sociedade comercial por cótas, de responsabilidade limitada, entre César de Deus da Loura, Mário da Rocha Marabuto e António de Almeida Ferreira dos Santos Pato, a qual se há-de reger pelas condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

O objecto social é o comércio e indústria de artigos electricos ou qualquer outros que a sociedade resolva explorar.

2.º

O seu começo data de hoje e a sua duração é por tempo indeterminado, tendo a sua séde em Aveiro.

3.º

Esta sociedade adota a denominação—*Sociedade Electro Aveirense, L.da.*

4.º

O capital social é de 30.000$ em dinheiro, já realizado e dividido em três cotas 10.000$ cada uma, pertencendo uma a cada sócio, o que pode ser aumentado por acôrdo unanime dos sócios.

5.º

Nenhuma cóta pode ser cedida a estranhos sem a autorização dos outros sócios, que terão a preferência pelo valor do balanço que na data da cedência fôr dado.

6.º

A Administração e gerência dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, fica a cargo do sócio César de Deus da Loura, sem remuneração nem caução, o qual não poderá usar da denominação social em assuntos estranhos à sociedade, sob pena de responder por perdas e danos.

7.º

Os lucros liquidos apurados em cada balanço, depois de deduzida a percentagem para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas cótas, sendo por êstes suportadas quaisquer perdas, na mesma proporção.

8.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade não se dissolve, fazendo-se a entrega do valor da cóta e lucros aos herdeiros do falecido ou representantes do interdito, conforme o balanço que para êsse fim fôr dado nessa data.

9.º

Dissolvendo-se a sociedade, o activo e passivo sociais ficarão a pertencer ao sócio que mais e melhores garantias oferecer.

10.º

Em tudo o omisso regula a legislação aplicável.

Aveiro, 9 de Junho de 1945

O Ajudante da Secretaria Notarial,

José Robalo Lisboa Júnior

A "Varina de Aveiro,,

Peixaria no novo mercado

Passa-se este modelar estabelecimento, por motivo dos seus proprietários não poderem estar à testa do mesmo. Tem um alvará de mercearia.

Vende-se

casa de bôa construção, com 9 divisões, quintal cultivado, poço, tanque, eira com dependências, sita na Rua Miguel Bombarda, em Esgueira. Quem pretender dirija-se a Manuel Rodrigues Branco, que recebe propostas até ao dia 30 de Junho.